



“NÃO É SÓ CANTAR E ESCREVER. É O FAZER POLÍTICO TAMBÉM”: A AÇÃO POLÍTICA DE JOVENS ATUANTES EM COLETIVOS CULTURAIS

*“IT’S NOT JUST SINGING AND WRITING. IT IS ALSO POLITICAL DOING”: THE
POLITICAL ACTION OF YOUNG PEOPLE ACTIVE IN CULTURAL COLLECTIVES*

 **Emanuelle de Oliveira Souza**

Mestra em Educação (UFAL)
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Maceió, Alagoas – Brasil
emanuelle.souza@cedu.ufal.br

 **Rosemeire Reis**

Doutora em Educação (USP)
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Maceió, Alagoas – Brasil
reisroseufal@gmail.com

Resumo: Este artigo parte de pesquisa de doutorado em andamento¹ realizada com jovens participantes de movimentos culturais atuantes no município de Maceió, Alagoas. As análises que fundamentam o presente texto baseiam-se nas narrativas de jovens atuantes no Movimento Hip Hop, a partir das entrevistas narrativas autobiográficas, conforme Schütze, para buscar interpretar suas formas de ação política. Consideramos que a atuação nos coletivos culturais possibilita uma nova forma de ação política, ligada à uma política-vida que preconiza questões dos processos autoidentitários, envolvendo uma reflexividade que permeia diversas aprendizagens biográficas na trajetória de vida dos/as jovens militantes.

Palavras-chave: juventudes; movimentos culturais; aprendizagem biográfica; participação política.

Abstract: This paper is part of a doctoral research in progress carried out with young participants of cultural movements active in the municipality of Maceió, Alagoas, Brazil. The analyses that underpin this text are based on the narratives of young people active in the Hip Hop Movement and on autobiographical narrative interviews, according to Schütze, in order to seek to interpret their forms of political action. We consider that the performance in cultural collectives enables a new form of political action, linked to a life-politics that advocates issues of self-identity processes involving a reflexivity that permeates various biographical learning in the life trajectory of young activists.

Keywords: youth; cultural movements; biographical learning; political participation.

Para citar – ABNT NBR 6023:2018

SOUZA, Emanuelle de Oliveira; REIS, Rosemeire. “Não é só cantar e escrever. É o fazer político também”: a ação política de jovens atuantes em coletivos culturais. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 33-45, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v21n2.22903>.

¹ Pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Introdução

O presente artigo é parte de pesquisa de doutorado em andamento, realizada com jovens participantes de movimentos culturais atuantes no município de Maceió, Alagoas. Na investigação, foi adotada uma abordagem qualitativa, com o objetivo de averiguar a participação de jovens em movimentos culturais e identificar a influência dessa atuação em sua compreensão do mundo, dos outros e de si mesmos na construção identitária (DUBAR, 2005) e na vivência de sua “condição juvenil” (ABRAMO, 2005), buscando as interseções entre os diversos espaços formativos e as “aprendizagens biográficas” (ALHEIT; DAUSIEN, 2006) presentes na trajetória de vida desses jovens.

Para tanto, procuramos compreender como os indivíduos interpretam suas experiências, seguindo as etapas: 1. “Entrevista narrativa autobiográfica”², inspirada na técnica de Schütze (2010); 2. “Restituição”, que consiste no envio da transcrição literal da entrevista para que o/a entrevistado/a leia e faça suas colaborações; 3. “Aprofundamento da entrevista narrativa” ou “restituição reflexiva partilhada” (REIS, 2021, 2022), quando realizamos novas entrevistas a partir de questionamentos surgidos na leitura das transcrições anteriores – essa etapa repetiu-se por mais dois encontros.

Após a realização dessas etapas, é feita a “transcrição” (MEIHY, 2008), que consiste em um texto que une a transcrição literal das entrevistas narrativas e a adaptação de trechos a partir do olhar da entrevistadora, buscando inserir colaborações com “ação criativa, reordenação dos fatores dados na entrevista” (ibidem, p.147), considerando aspectos que nem sempre podem ser expressos apenas com a transcrição literal da fala.

As abordagens e os instrumentos metodológicos utilizados obedeceram aos procedimentos éticos estabelecidos para a pesquisa científica em Ciências Humanas, tendo esta sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Primeiramente, para delimitarmos a noção de “coletivos culturais”, observamos a trajetória da noção de movimento social (GOHN, 2011) e percebemos que as mudanças na sociedade modificam também a configuração desses movimentos, trazendo ao contexto uma categoria que não se vincula, necessariamente, à busca pela resolução de necessidades primárias relacionadas ao contexto social e econômico. Concordamos com a visão de Arroyo (2003) de que as culturas têm sido agregadoras e motivadoras de mobilizações e formas de resistência; nesse âmbito, incluem-se os “movimentos culturais” e os “coletivos culturais”.

² Ao realizar as primeiras entrevistas com os participantes desta pesquisa, identificamos que não poderíamos nos restringir à técnica desenvolvida por Schütze (2010), pois os jovens colaboradores, em suas entrevistas, apresentam narrativas curtas, não se sentindo à vontade para contar detalhadamente suas histórias, preferindo responder a perguntas diretas e ficando constrangidos ao passar muito tempo sendo o centro da atenção. Por isso, decidimos acrescentar as etapas de restituição e aprofundamento, para que suas narrativas pudessem ser melhor desenvolvidas.

Esboçamos uma diferenciação entre ambos os termos, localizando-os em dois “níveis”: em um primeiro nível, os movimentos culturais atuam num espectro mais amplo de representatividade de algumas culturas. Os movimentos representam identidades, estéticas, linguagens de determinados grupos culturais. Já os coletivos são agrupamentos de sujeitos que compartilham uma mesma prática cultural e organizam-se para vivenciar coletivamente essa prática. Ou seja, um movimento cultural agrega diversos coletivos ou grupos culturais que se assemelham justamente por essas identidades, práticas culturais, causas e ideologias.

Nesse sentido, os movimentos culturais ancoram uma nova “interface entre cultura e política” (ALVAREZ; DAGNINO; ESCOBAR, 2000, p.11), que possibilita repensar as relações entre movimentos culturais e Estado, incluindo a participação ativa nas políticas públicas de cultura; as relações destes movimentos com o mercado, com a ativação de circuitos alternativos de produção e consumo cultural, e diversas formas de ação coletiva.

Uma militância mediada pela arte

Consideramos quem os coletivos culturais elaboram, em suas iniciativas, diversas possibilidades de participação política, incluindo as ações artístico-culturais, como meio de acesso dos/as jovens a informações que possibilitam reflexões, modificam ou fundamentam posicionamentos diante de temas da vida cotidiana. Isso representa uma aproximação desses jovens com uma “política-vida” (GIDDENS, 2002), uma política que busca a “convergência” e a criação de formas de vida que promovam a autorrealização, priorizando a questão da autoidentidade, de “como devemos viver” (ibidem), envolvendo contestações e debates oriundos do projeto reflexivo do eu.

Para o presente texto, deter-nos-emos nas análises de trechos das narrativas biográficas de dois colaboradores da pesquisa³, jovens atuantes no movimento Hip Hop. Algumas breves informações sobre os sujeitos, cujas narrativas permitiram a interpretação das formas de ação política no âmbito desse movimento cultural, são apresentadas a seguir:

Geysson, 28 anos, gênero masculino, negro, solteiro, participa da Cia. Hip Hop desde 2012. Iniciou a graduação em História em 2020. Para ele, o grupo em que atua é: “Um espaço que reúne pessoas com experiências diferentes para a construção de algo em comum”.

Sakura, 32 anos⁴, gênero feminino, periférica⁵, branca, interrompeu sua educação formal

³ Optamos por omitir o nome verdadeiro dos jovens neste artigo, pois a pesquisa que o originou encontra-se em fase de finalização. Na escrita final da tese, provavelmente serão utilizados seus nomes verdadeiros, uma vez que ambos têm mantido essa escolha.

⁴ Apesar de estar acima da faixa etária preconizada pelo Estatuto da Juventude, decidimos incluir a jovem de 32 anos na pesquisa, considerando sua intensa relação, ainda atual, com o movimento cultural que permeou toda a sua vivência juvenil.

⁵ A inclusão da expressão “periférica” entre os dados de seu perfil foi uma exigência da jovem.

aos 14 anos, após engravidar – sua filha, atualmente, tem 17 anos. Retomou os estudos e concluiu o Ensino Médio em um curso supletivo, em 2019. Participa da Posse Atitude Periférica (P.A.P.) desde 2007. Identifica-se como “Arte-educadora, comunicadora popular e militante do Hip Hop”. Para ela, o grupo de que faz parte é: “Oportunidade de transformação na periferia”.

A partir das narrativas dos/as jovens participantes desta pesquisa, foi possível interpretar que as formas identitárias vinculam questões artístico-culturais a formas de participação política.

Porque o fazer o rap não é só cantar e escrever. É o fazer político também. É fazer uma leitura marginal do mundo, né? Uma leitura que questiona o mundo e o que tá colocado a partir dessa hegemonia aí. (Geysson – Cia. Hip Hop).

Eu comecei a militar nos movimentos culturais, com o teatro e com a música, no Quintal Cultural. E desde lá eu aprendi que não é só espetáculo, a gente tem uma função aqui. É essa função de levar informação e formação. Sou petista, mas eu nunca tive o diálogo petista dentro dos movimentos, eu sempre tive o diálogo de periférica! Entendendo que com a cultura a gente pode libertar e transformar. (Sakura – Posse Atitude Periférica).

A participação política dos/as jovens tem sido foco de vários estudos realizados no Brasil. Nas décadas de 2000 e 2010, as pesquisas evidenciaram formatos múltiplos e diversos da ação coletiva da juventude (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020), mostrando consonância com as transformações ocorridas nas sociedades, reflexo da pluralidade social e da mudança dos valores que fundamentam e movimentam a ação social e que geraram mudanças tanto nas causas como nas estratégias de ação dos indivíduos e, conseqüentemente, dos movimentos sociais. No âmbito dos coletivos culturais, iniciativas por todo o país apresentam experiências de superação do cotidiano de violência a partir das ações culturais e evidenciam a potência desses coletivos como instrumentos de articulação e construção de um “orgulho periférico” (D’ANDREA, 2013), de narrativas e possibilidades de emancipação.

Bittencourt (2021) apresenta uma problematização sobre os sentidos de “militância” e “engajamento político” articulados por jovens que participam de coletivos e grupos culturais na cidade de Maceió, Alagoas, analisando dados extraídos de três entrevistas e duas incursões etnográficas em eventos realizados por coletivos culturais e bandas de rock alternativo em 2018.

Em suas análises, o autor indica que há, por parte dos agentes, a partir de suas ações nos coletivos culturais, a reivindicação de uma atuação política que também possa ser prazerosa, “unindo dimensões da vida social que por muito tempo foram percebidas como opositoras, tais como lazer e trabalho, compromisso e diversão, estética e política” (ibidem, p.231). Tais questões são identificadas nesta pesquisa, pois o jovem e a jovem expressam, em suas narrativas, preocupação não em relação à política sendo subvalorizada, mas pelo modelo de política privilegiado, que não dialoga com sua realidade. Essa premissa é apontada por Giddens (2002) e Elias (1994), ao

explicarem que as chamadas “pautas individuais” ou “identitárias” passaram a ser priorizadas pelos indivíduos. Isso se reflete nas narrativas dos/as jovens que trazem para o centro do debate categorias como “performance” e “estética” (BITTENCOURT, 2021, p.250).

Concordamos também com a ideia de que não houve uma diminuição da importância dada a conceitos como “nação” e “classe” em discursos e ações dos agentes, mas sim “um alargamento da percepção sobre a desigualdade que agora passa a englobar outros fatores importantes que antes eram secundarizados ou analisados de forma individualizada” (ibidem). Ou seja: a ressignificação de “bandeiras” e “causas” nas ações dos/as jovens acompanha uma tendência mundial de reivindicação de reconhecimentos a partir de diversos pertencimentos. Essa visão amplia o olhar sobre a noção de ação política das juventudes, inserindo na discussão a importância de aspectos inerentes aos movimentos culturais, como a performatividade, o gosto pelas diversas linguagens artísticas, a ludicidade, a relação com o cotidiano e a busca por autorrealização.

Geysson e Sakura ressaltam, em suas narrativas, a principal bandeira levantada pelo movimento Hip Hop: a da identidade negra e periférica. Nos discursos desse movimento, são enfatizadas a visibilidade da história do povo negro e sua relação com a construção histórico-social da realidade das periferias. Alguns trechos das falas dos entrevistados ressaltam a importância do aspecto identitário nas ações realizadas pelos coletivos:

[...] sempre que tinha um evento, a galera chegava nas quebradas falando de analisar a conjuntura e, na verdade, nós deveríamos buscar a nossa história. Entender o que aconteceu! O diálogo que o Hip Hop leva para dentro das periferias é o único diálogo de base que eles têm! Porque na escola não se discute política. (Sakura – Posse Atitude Periférica).

[...] se a gente consegue fazer um *podcast* – que foi o que a gente fez na quarentena, Uma Quarentena Marginal – apresentando uma discussão política e usando como referência o rap, as narrativas do rap, isso também é fazer rap. A gente só não tá rimando! Mas também, se for pra rimar, a gente rima! E, se for pra tocar, a gente toca! Só que a gente gasta nosso tempo, assim, muito mais estudando outras paradas, tentando uma visão mais “armadora” de mundo, pra poder levar o rap junto com isso, saca? Através de outros espaços, também. (Geysson – Cia. Hip Hop).

A utilização do movimento cultural como espaço para a discussão de temas relacionados à realidade social de jovens, resgatando aspectos históricos que causam efeitos na vida da população negra e periférica em todo o mundo, é o ponto central da maioria das ações no âmbito do movimento Hip Hop. Os eventos organizados pela Cia. Hip Hop, como o Abril Pro Hip Hop, trazem, em sua programação, além de apresentações artísticas de rap, DJs, *b-boys* e *b-girls*, diversas mesas-redondas e debates em que são discutidos temas voltados às pautas cotidianas de jovens periféricos/as.

Esse tipo de ação, realizada pelos/as jovens e para os/as jovens, apresenta um poder comunicativo potencializado, uma vez que o público que comparece ao evento tem acesso a um

conteúdo pensado e executado por quem está imerso na realidade discutida; por quem fala e compreende a linguagem daqueles/as jovens que buscam nos eventos de Hip Hop momentos de encontro, de descontração, de partilha de vivências. Essas ações possibilitam uma aproximação com temas que nem sempre são tratados em espaços que poderiam desempenhar papel formativo, como é o caso da escola. É importante ressaltar que Sakura deixou a escola por considerá-la um espaço onde não mais cabia, expressando um desencontro entre suas expectativas e o tipo de formação oferecida pela escola. Em suas ações junto ao Quintal Cultural⁶, a jovem pôde retornar ao espaço escolar, desta vez como formadora:

Trocar ideia é maravilhoso! [...] Eu comecei com o Teatro do Oprimido. A gente ia para as escolas! E tinha um esquete chamado “No sexo, a camisinha salva”. [...] E tinha a professora que dava aula de Educação Sexual, mas dizia para não falar sobre isso! Por que não? Vamos falar, sim! [...] A gente levava esse diálogo com o teatro e era maravilhoso! No Centro de Recuperação do Menor, o CRM, onde ficam os menores infratores [...], cheguei a participar de vários projetos, com a militância, tanto levando o teatro como o Hip Hop. Foi o que me fez ser humana. É o que me torna humana! (Sakura – Posse Atitude Periférica).

Pode-se interpretar que essas ações de colaboração com a formação de jovens, por meio do teatro e do Hip Hop, em espaços de educação formal e não formal, despertam na jovem o sentimento de orgulho e de cumprimento de uma função social. Essas práticas refletem uma “nova sociabilidade militante” (MESQUITA, 2003, p.92), que parte de uma diversidade de conteúdos e foge do modelo tradicional de se fazer política. Em diversos trechos das narrativas do/a jovem colaborador/a da nossa pesquisa, encontramos evidências dessa ampliação da noção de ação política além das práticas políticas tradicionais; uma ação política voltada, principalmente, à formação:

Foi um movimento interessante, porque, quando eu entrei na Universidade, a gente começou a fazer discussões políticas dentro do Hip Hop, dentro da Cia. Hip Hop propriamente dita. Então, a gente começou a fazer seminários para discutir a violência; a gente começou a fazer sarau; depois, eu comecei a tentar fazer um movimento de dentro da Cia., buscando enxergar o Hip Hop a partir de uma outra perspectiva. (Geysson – Cia. Hip Hop).

A partir de sua inserção no Ensino Superior, Geysson procurou compartilhar suas experiências vividas na Universidade – especialmente no Movimento Estudantil – com o movimento Hip Hop, construindo uma ponte entre esses dois campos de atuação e, estrategicamente, buscando unir suas vivências enquanto estudante universitário e militante do movimento cultural. Fica evidente, nesse aspecto, a diferença entre um jovem que participa do movimento cultural apenas como

⁶ O Quintal Cultural foi uma experiência de integração social no bairro do Bom Parto, na periferia de Maceió. Criado pelo educador popular Rogério Dias, em 2007, o Quintal possibilitava a experimentação de espetáculos teatrais inacabados, apresentados antes da peça principal, e abria espaço para apresentações de diversos grupos culturais, eventos de discussão e de formação.

um consumidor e um jovem que atua na real militância do movimento.

No trecho abaixo, Sakura aponta certa nostalgia ao falar de uma “militância do Hip Hop” que, segundo ela, tem dado lugar a uma forma apenas comercial de produção artística ligada ao movimento:

Muita gente, a partir do diálogo com o Hip Hop, começou a entender que, sim, o Hip Hop é uma ferramenta política também! Hoje, tem muito MC, muita gente cantando, muita gente se destacando, mas nenhuma delas prega o Hip Hop, nenhuma delas têm a base do Hip Hop. (Sakura – Posse Atitude Periférica).

Sobre esse aspecto, caberia um aprofundamento, impossível de ser alcançado no presente artigo, sobre as atuais formas de distribuição comercial e o consumo da produção artística no Hip Hop, especialmente do rap, enquanto estilo inserido na indústria musical –

que, por isso, nem sempre mantém em seus discursos a priorização das bandeiras de luta que originaram o movimento e, como produção de caráter mercadológico, pode sofrer esvaziamento político de suas temáticas.

Essa disseminação do Hip Hop para além das fronteiras da periferia pode ser vista de duas formas: uma que encara com desconfiança essa apropriação cultural, pois os discursos são desvirtuados e passam a servir a um público que não representa as origens da cultura Hip Hop; outra que considera positiva essa disseminação, pois ela dá visibilidade aos sujeitos periféricos e abre caminhos para um diálogo em espaços que nem sempre são facilmente acessados por eles.

A gente foi a primeira galera a levar um evento de Hip Hop para dentro de um museu! A gente levou a discussão do movimento Hip Hop para as escolas! A gente conseguiu dialogar com uma galera de escola pública, sobre Hip Hop, a ponto de eles desenvolverem uma consciência e querer fazer grêmio estudantil. E a gente só foi para falar de Hip Hop, tá ligado? E, hoje, fruto disso é o Durwal, que canta no Reles No Rules; o próprio Diego, da Nóiz Que Faz, que se envolveu de vez com o Hip Hop, e o MC Tribo⁷, que hoje é professor de Hip Hop. E até então era uma cultura de maloqueiro, de marginal. (Sakura – Posse Atitude Periférica).

Nesse trecho, Sakura reconhece a contribuição do Hip Hop tanto na formação política quanto na formação profissional dos/as jovens. Os espaços de discussão proporcionados pelo movimento e a abordagem de temas relevantes para esses sujeitos fundamentam e estimulam uma mobilização dos indivíduos, motivando ações de organização política, como a constituição de grêmios estudantis. Por outro lado, a identificação com a produção artística do movimento mobiliza uma parcela dos/as jovens a se engajar profissionalmente no cenário musical.

Música e política estão diretamente relacionadas no movimento Hip Hop. Sakura aponta

⁷ Algumas das atuações do MC Tribo estão registradas em notícias veiculadas em *sites* locais e nacionais.

uma experiência significativa quando narra suas vivências à frente do programa de rádio *Conexão Periferia*, em 2014. O programa veiculava não só o Hip Hop, mas, especialmente, o reggae – um estilo musical também profundamente ligado à negritude e à periferia –, e contava com a participação do público por meio de ligações telefônicas.

[...] Trazíamos o reggae e o rap nacional. O programa também tinha a função de informar, então, todos os domingos havia uma entrevista diferente, sobre rap, sobre reggae e outros temas. Na época, estava rolando plebiscito para a Constituinte e a gente levou pessoas para discutir sobre isso. Eu vi uma galera que nunca discutiu política, que nunca teve acesso à política, dizer: “É, eu concordo mesmo que o pessoal das agrárias tinha que ter as terras deles”. Ou seja, a galera estava discutindo reforma agrária sem nem saber! (Sakura – Posse Atitude Periférica).

A importância e o reconhecimento dados ao potencial formativo de suas ações e a consciência de estar interferindo positivamente na realidade de jovens que são tocados por suas atividades representa uma aproximação desses jovens com a “política-vida” (GIDDENS, 2002) e demonstra a visão de Sakura quanto às diversas possibilidades de participação política.

Com base nas narrativas analisadas, concordamos com os autores quanto à existência de três visões de participação política dos/das jovens:

uma visão mais clássica, associada ao campo eleitoral e às instituições partidárias; uma compreensão da política como base das relações humanas, onde “viver é política”; e a última, entendida como meio de transformação social e pessoal, relacionada à luta pela garantia de direitos. (MESQUITA et al., 2016, p.291).

É possível observar que esses jovens têm construído “noções de coletividade e comunidade que os ajudam a se reconhecer como agentes importantes de mudanças, tão necessárias para materializar seus anseios de uma sociedade melhor” (ibidem). Suas ações envolvem estratégias de mobilização a partir – e por meio – de manifestações culturais, de debates sobre a cidade, sobre a garantia de direitos etc., que não passam, obrigatoriamente, pela via institucional e que têm ganhado visibilidade frente às transformações e mudanças do cenário político.

Em um trecho de sua narrativa, Geysson menciona a intenção de ocupação do espaço urbano como motivação para a criação do coletivo em que atua,

Porque, quando a Cia. surge, lá em dois mil e pouco, ela já surge com essa característica de produção do evento. Porque, na realidade, quando a Cia. surgiu, ela surgiu na intenção de ocupar um espaço que o Estado não preencheu dentro do Village II. Então, ela surgiu com a intenção de não só cantar rap, mas de ocupar a cidade mesmo; de ocupar o espaço público; de preencher um vazio [espaço] que foi negado. (Geysson – Cia. Hip Hop).

Entendemos que as diversas formas de usar a cidade pelos coletivos de Hip Hop estão relacionadas aos processos de construção identitária dos sujeitos que deles participam. O espaço

urbano é carregado de significados e tem importância destacada nas ações de vários movimentos culturais e, por isso, as discussões em torno da espacialidade e do lugar precisam estar ligadas às reflexões sobre esses – e outros – grupos juvenis, pois envolvem suas ações práticas e seus processos de construção de visibilidades. As múltiplas estratégias territoriais criadas pelos adeptos da cultura Hip Hop possuem contextos socioespaciais próprios⁸ e enunciam formas de direitos e escalas de ação no fazer político do Hip Hop, interligadas, diretamente, às questões do cotidiano da periferia; à busca por direitos; à formação e ação política da população negra e periférica.

Aproximações com a política partidária

Além dos aspectos tratados sobre uma ação política engajada por meio de uma militância mediada pela arte, Geysson registra, em sua trajetória, experiências relacionadas ao engajamento nas formas clássicas de participação política, com a vinculação a uma política institucional ligada à ideia de democracia formal e ao sistema político partidário, eleitoral.

Ao ingressar no curso de Ciências Sociais e ter contato com o Movimento Estudantil, aproximando-se dos estudos teóricos e de um debate fundamentado em pensadores que abordavam os temas que ele já questionava em sua vivência no Hip Hop, Geysson expressa seu encantamento: “É *as parada* que eu falo, só que de forma bonita, né?”. Sua atração pelo debate levou-o a ingressar no Movimento Estudantil; em seguida, no Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e, posteriormente, no Partido Socialismo e Liberdade (Psol).

Em 2018, Geysson candidatou-se a deputado estadual, como representante legal da primeira candidatura coletiva em território alagoano, protagonizada pelo Coletivo Todos Noiz, que lançou a campanha com o *slogan* “A esperança vem das Ruas”, em uma iniciativa de trazer para Alagoas a discussão sobre a necessidade de um mandato coletivo, introduzindo uma alternativa até então nunca explorada no Estado. Após essa experiência, outra candidatura coletiva, organizada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi lançada em Alagoas, nas eleições de 2020.

Sobre sua adesão à política partidária, Geysson diz ter sido um caminho que se desenvolveu sem planejamento, partindo da relação estabelecida com o Movimento Estudantil, por influência das leituras e discussões vivenciadas nos espaços da Universidade.

⁸ Ver artigo: *Juventude e territorialidades urbanas: uma análise do Hip Hop no Rio de Janeiro* (OLIVEIRA, 2012).

Tem muito a ver com a relação que eu estabeleci com o Movimento Estudantil naquele tempo, que tem uma influência direta das leituras [de] que eu me aproximei, né? Da leitura marxista, daquela ideia do Lenin, do Partido Revolucionário, também, da experiência da Revolução... Essa aproximação que eu tive através da Universidade me aproximou do partido. (Geysson – Cia. Hip Hop).

A filiação a um partido político e sua posterior candidatura condizem com a busca por reconhecimento, visibilidade e ocupação de espaços apontada por Geysson. Essa prática pode ser encontrada em outros grupos ligados ao movimento, como aponta Santos (2014, p.67). Os jovens ligados aos coletivos aproximam-se estrategicamente de instituições como escolas, organizações não governamentais, movimentos sociais e partidos políticos, procurando legitimidade para suas ações, ampliação de suas possibilidades de atuação e novos recursos de ativação política, fortalecendo a ideia não só de “cultura”, mas de “movimento”, indo além das atividades artísticas para estabelecer canais de comunicação e prestígio junto à sociedade e ao poder público.

A minha candidatura, em 2018, eu acho que foi algo muito simbólico, na minha relação com o movimento Hip Hop aqui em Alagoas. Nessa construção dessa identidade que eu vivenciei dentro do movimento Hip Hop, eu acho que a candidatura, em 2018, consolida isso. Porque, num primeiro momento, a gente tinha muitas dúvidas sobre como o movimento aceitaria, por existirem diversas questões sobre essa relação do Hip Hop com a política, mas foi muito massa! [...] Então, eu acho que isso é uma resposta do próprio movimento para essa trajetória que a gente conseguiu estabelecer enquanto pessoas que se movimentam em torno disso. (Geysson – Movimento Hip Hop).

A busca pela ocupação dos espaços motiva as estratégias utilizadas por Geysson em sua trajetória: seu ingresso no Movimento Estudantil Universitário e sua participação em diversos eventos científicos e midiáticos e na política partidária. Sobre essa última, ele expressa a preocupação quanto à aceitação pelo movimento, demonstrando que há uma via de mão dupla: suas ações individuais na política partidária representam um espaço para o Hip Hop nesse âmbito, ao mesmo tempo em que a aprovação da sua candidatura pelo movimento representa a consolidação da sua representatividade, tanto dentro do movimento quanto fora dele, em outros espaços sociais.

Essa intensa atuação do jovem em diversas formas de ação política e em múltiplos espaços gera um repertório de saberes adquiridos na prática. Esses saberes provêm de aprendizagens conferidas pela militância, que Matonti e Poupeau (2004, p.7) nomearam “capital militante”, referindo-se aos saberes úteis para a prática política, como, por exemplo: escrever um folheto, falar em público, elaborar projetos, dirigir-se a autoridades políticas, dar entrevistas, assimilar conhecimentos jurídicos etc. Os autores discutem como a passagem por instituições políticas substitui o capital educacional em termos de habilidades adquiridas pelos indivíduos ao se orientarem no espaço político.

Pode-se refletir sobre esse aspecto ampliando a noção de militância para outros espaços,

como o blog mantido por Sakura como meio de comunicação ligado ao movimento Hip Hop. Ela expressa que sua atuação à frente do blog motivou a busca pelo aprimoramento de suas habilidades de escrita.

Só que eu escrevia muito errado. Eu saí da escola cedo! Então, eu sempre tinha muita dificuldade com a língua portuguesa. Hoje, eu entendo a necessidade de escrever bem, de escrever corretamente. Porque as pessoas que consomem o meu trabalho não são os acadêmicos que sabem da palavra correta, mas são as pessoas da quebrada, que estão parando pra ler uma matéria. Então, se eu ficar escrevendo errado, essas pessoas vão escrever errado. (Sakura – Posse Atitude Periférica).

Essa percepção foi motivada pelo diálogo com um dos artistas do movimento Hip Hop que, movido pela consciência militante, deteve um olhar crítico sobre os textos da jovem e alertou-a sobre sua responsabilidade social enquanto comunicadora ligada a um movimento que vai além de sua expressão como indivíduo, mas representa um canal de informação e formação de uma comunidade.

Compreendemos que o “capital militante” insere-se no caráter dialético da aprendizagem biográfica, envolvendo a “dimensão da socialidade” de que nos falam Alheit e Dausien (2006, p.190), presente na relação entre o indivíduo e os espaços sociais que propiciam as aprendizagens. Essa relação entre formação, construções identitárias e ação política é recorrente nas narrativas desses jovens colaboradores em nossa pesquisa.

Considerações finais

A partir das análises das narrativas do jovem e da jovem atuantes no movimento Hip Hop, consideramos que a participação nos coletivos culturais possibilita uma nova forma de ação política, ligada a uma política-vida que preconiza questões dos processos autoidentitários, envolvendo uma reflexividade que permeia diversas aprendizagens biográficas presentes na trajetória de vida dos/as jovens militantes.

Ao refletir sobre juventudes e ação política, é preciso pensar nos diversos espaços que lhes possibilitam experiências, geram aprendizagens e contribuem para suas construções identitárias. As narrativas aqui analisadas endossam as discussões sobre uma nova forma de ação política ligada à política-vida que preconiza questões da autoidentidade, envolvendo uma reflexividade que permeia diversas aprendizagens biográficas.

Os processos formativos, provenientes de diferentes espaços de experiência, como a família, a escola e os diversos grupos com os que os/as jovens convivem – especialmente os movimentos culturais – podem nutrir-se, reciprocamente, na mobilização dos/as jovens para ampliação de seus conhecimentos e para novos engajamentos na ação política, tanto nas formas clássicas quanto nas novas formas de militância proporcionadas pela ação cultural.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005. pp.37-72.
- ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Betina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.1, pp.177-197, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v32n1/a11v32n1.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- ALVAREZ, S.E.; DAGNINO, E.; ESCOBAR, A. (Orgs.). *Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos (novas leituras)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- ARROYO, M.G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, pp.28-49, jan./jun. 2003.
- BITTENCOURT, João. Ressignificando Bandeiras e Narrativas: política, performance e estética sob a ótica dos movimentos culturais da juventude na cidade de Maceió/AL. *Revista Tomo*, n.39, pp.223-223, 2021. Disponível em: <https://tinyurl.com/revtomo>. Acesso em: 18 jun. 2022.
- D' ANDREA, Tiarajú. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. 2013. 309f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DUBAR, Claude. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FREIRE, Rebeca Sobral. *Hip-hop feminista?: convenções de gênero e feminismos no movimento Hip-hop soteropolitano*. Salvador: Edufba, 2018.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOHN, M.G. M. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 9.ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- MATONTI, Frédérique; POUPEAU, Franck. Le capital militant. Essai de définition. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n.5, pp.4-11, 2004. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2004-5-page-4.htm>. Acesso em: 27 jul. 2022.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Palavras aos jovens oralistas: entrevistas em história oral. *Oralidade: Revista de História Oral*, São Paulo, ano 2, n.3, pp.141-150, jan./jun. 2008. São Paulo: Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (USP), 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/diversitashisto>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- MESQUITA, Marcos Ribeiro et al. Juventudes e participação: compreensão de política, valores e práticas sociais. *Psicologia & Sociedade*, v.28, pp.288-297, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p288>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. Juventude e Movimento Estudantil: discutindo as práticas militantes. *Revista Psicologia Política*, v.3, n.5, pp.89-120, 2003. Disponível em: https://www.academia.edu/39277187/Juventude_e_movimento_estudantil_discutindo_as_pr%C3%A1ticas_militantes. Acesso em: 30 jun. 2022.

OLIVEIRA, Denílson Araújo. Juventude e territorialidades urbanas: uma análise do Hip Hop no Rio de Janeiro. *Revista de Geografia*, Juiz de Fora, v.2, n.1, pp.1-8, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/17905>. Acesso em: 11 jul. 2022.

REIS, Rosemeire. Diálogos entre Questões de Pesquisa que Orientam a Teoria da Relação com o Saber de Bernard Charlot e a Pesquisa Biográfica em Educação de Christine Delory-Momberger. *Revista Internacional Educon*, 2(3), p.1-18, 2021

REIS, Rosemeire. Juventudes, vida universitária e relação com o saber: contribuições das narrativas de si. *Debates em Educação*. Dossiê Temático: Estudantes da universidade, narrativas e relação com o saber, v. 14, n. 35, p. 30-57, 2022.

SANTOS, Sérgio da Silva. O cotidiano das posses de Hip Hop em Maceió: territorialidades, visibilidades e poder. 2014. 129 fls. *Dissertação* (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. 2014.

SANTOS, Sérgio da Silva. *O cotidiano das posses de Hip Hop em Maceió: territorialidades, visibilidades e poder*. 2014. 129f. *Dissertação* (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). *Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2010. pp.210-222.

SPOSITO, Marília Pontes; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. *Educ. Soc.*, Campinas, v.41, e228732, 2020. Disponível em: <https://tinyurl.com/educsoccamp>. Acesso em: 23 mai. 2021.

TÁPIA, Marcelo; NÓBREGA, Thelma Médici (Orgs.). *Haroldo de Campos: transcrição*. São Paulo: Perspectiva, 2013.